

EDITORIAL

Este número da Revista está a cargo do conselho editorial, que escolheu, como tema, uma pequena coleção, dentro do Saltério, nomeada Salmos de Coré. Como fonte inesgotável, os salmos podem ser continuamente revisitados. Fornecem água em abundância.

Os Salmos de Coré constituem uma coleção atípica, formada por doze salmos, assim distribuídos: Sl 42–49; 84–85; 87–88. O que os caracteriza como coleção à parte é que todos possuem, no título, a indicação “Dos filhos de Coré”. A coleção é atribuída aos coraitas, um grupo fiel a Jerusalém, talvez com a função de levitas, na linha de uma teologia de Sião. Nos detalhes, porém, esses salmos não são uniformes. Refletem mais a tendência coraíta, de apego ao Templo, os Sl 46 e 48. O Sl 48 é também classificado como “Cântico de Sião”. Os dois salmos iniciais (42–43) proclamam a saudade do Templo, e formavam, provavelmente, uma unidade original. O Sl 44 é uma espécie de indignação da época do exílio. Já o Sl 45, semelhante ao 49, possui características sapienciais. O Sl 45 e o Sl 47 pertenceriam, igualmente, à coleção dos “Salmos do reinado de Javé”. Ao que tudo indica, esses salmos foram compostos, originalmente, em situações distintas, e passaram a ser usados, mais tarde, pelo mesmo grupo, “dos filhos de Coré”.

A primeira parte da coleção, os Sl 42–49, são estudados nesse número, conforme a síntese que segue.

Tércio Machado Siqueira abre os comentários à coleção dos Salmos de Coré, com os Sl 42–43 “A saudade de Jerusalém”, em vista do ambiente de amor e devoção pela visita ao Templo. Seus argumentos conduzem logo à conclusão de que se trata, originalmente, de um único salmo. Analisa, separadamente, o cabeçalho, que é único para os dois salmos. Em seguida, comenta todo o salmo, parte por parte, justificando sua própria tradução. Os primeiros versículos (42,2-6) constituem uma lamentação pelas provocações de inimigos, ante seu desejo de visitar o Templo. Nos versículos seguintes (42,7-12) a oração continua, aproximando-se mais da tipologia de lamentação, onde o salmista declara que sua vida está desintegrada, mas que ele mantém sua confiança em Deus. A oração final (43,1-5) continua em tom de lamentação, buscando libertar-se da nação sem bondade e do homem perverso e fraudulento. O refrão é estudado separadamente, e a conclusão retoma as principais questões sobre o salmo.

Shigeyuki Nakanose intitula seu comentário ao Sl 44 “Nosso ventre está grudado no chão!”, para traduzir a situação de fome, miséria e pobreza aí refletidas. A realidade vivida por um menino que sofre de kwashiorkor, doença que causa fadiga, irritabilidade, letargia, e que pode levar à deficiência mental e até à morte, é a porta de entrada para o salmo de sofrimento do povo. O autor apresenta o texto, a estrutura, o

comentário ao texto, em três partes, a contextualização do salmo e a sua aplicação atual. Poderíamos estar na época do exílio babilônico, rezando uma súplica coletiva, diante de uma derrota militar sofrida por Israel. Essa súplica começa celebrando o passado glorioso sob o comando soberano de Deus, depois lamenta as humilhações do momento presente e, por fim, suscita indignação e invoca a Deus para que desperte e resgate o seu povo.

Valmor da Silva comenta o Sl 45 “Rei pela causa da verdade, da pobreza e da justiça”. O salmo, além de fazer parte da coleção dos filhos de Coré, possui características sapienciais, sendo um poema profano, e também um salmo régio e messiânico. O comentário se concentra nesse último aspecto, para verificar que tipo de rei e messias o salmo indica. Na tradução e estrutura do texto transparecem já as primeiras opções de interpretação. Logo se passa ao contexto original do salmo, uma típica festa de palácio, a boda de casamento do rei, provavelmente no reino do Norte. Mas no pós-exílio, no momento de incluir o poema na coleção de salmos, a releitura do mesmo projetou todas as qualidades do rei para a figura do messias vindouro. Por isso, as qualidades primeiras atribuídas ao rei são justamente a defesa da verdade, da pobreza e da justiça. E foi assim que a tradição cristã aplicou essas qualidades ao messias Jesus.

Tércio Machado Siqueira apresenta o Sl 46 “Jerusalém vista pelos coraitas”, ou seja, a leitura do salmo feita a partir da teologia de moradores/as e frequentadores/as de Jerusalém, como centro nacional do culto javista. Após a tradução própria, literal, do salmo, o autor comenta a sua forma, tomando como núcleo: Deus refúgio, força e ajuda (v. 2). No comentário ao título do salmo, avança a hipótese de indicação para vozes femininas, supondo a participação de mulheres no culto do Templo. Supõe ainda que os filhos de Coré podiam ser cantores peregrinos do Sul, da região de Hebron, que visitavam o Templo. No comentário ao conteúdo do salmo, rejeita a interpretação mitológica e desenvolve a teologia de Sião, com referências históricas à cidade de Jerusalém.

Júlio Paulo Tavares Zabatiero expõe o Sl 47 “Um reinado universal antiimperialista”, como expressão da resistência popular contra o projeto de globalização babilônica. O salmo celebra festivamente a entronização de Javé como soberano universal, em paralelo com a festa do Ano Novo babilônico, na qual era celebrada a supremacia de Marduque sobre os seus inimigos. Quatro grandes temas são desenvolvidos nesse salmo. O primeiro é a adoração de Javé, o rei de toda a terra. Segue o tema de sua majestade, primeira razão para a adoração. A segunda razão é o fato de seu reino global não ser excludente, e a terceira, por ele ser o deus do seu povo.

Ludovico Garmus enfoca o Sl 48 com a temática “Meditando em tua misericórdia no meio do teu Templo”. Feita a tradução do salmo, passa a examinar o gênero, estrutura e conteúdo teológico. Na tentativa de situar historicamente a alusão do texto à libertação de Jerusalém e à fuga do inimigo, expõe tanto as hipóteses pré-exílicas quanto as pós-exílicas. Além de pertencer à coleção de Coré, este salmo faz parte igualmente dos cânticos de Sião. Por isso, a teologia de Jerusalém-Sião e do Templo

como morada divina merece particular discussão. O destinatário do louvor, no caso, é Deus, e Jerusalém adquire esplendor justamente por ser a sua morada. Deus, contudo, não se prende aos muros e fortificações da cidade. Ele é o pastor que conduz o seu povo na história.

Lilia Ladeira Veras apresenta o Sl 49 “Elohim resgatará minha alma do Xeol”. Faz a tradução do texto, proposta de divisão, comentários sobre a forma, comentários exegéticos por estrofe e contexto em que o salmo se insere. Concentra-se sobre o gênero sapiencial do salmo, com sua dupla reflexão: a morte e a riqueza. Pelo estilo e temática, supõe um texto pós-exílico. O salmista propõe inicialmente um enigma e promete decifrá-lo. Em seguida afirma que a riqueza é impotente diante da morte e que ninguém pode pagar o resgate por sua vida, diante de Deus. Logo argumenta que a morte nivela a todas as pessoas, ricas e pobres. Mas quem resgata a pessoa do Xeol é Deus, e diante da morte a riqueza não tem poder. Está revelado o enigma e a conclusão que segue é lógica: o pobre não deve temer a morte.

Então, boa leitura!

Valmor da Silva

